

Repensar a relação humanismo, ecologia e espiritualidade a partir do biocentrismo

Gilmar Ferreira da Silva¹

Resumo

Há uma crise das percepções humanas do mundo e da civilização. Na perspectiva da filósofa brasileira Nancy Mangabeira Unger esta é uma crise espiritual que obriga a repensar o ser humano e a sua realidade. Os seres humanos se consideram humanos a partir da sua capacidade de dominar a natureza e perdem a harmonia com o cosmos. Nesse desequilíbrio, desaparece a unidade entre a consciência religiosa e a experiência cósmica. Recusa-se qualquer horizonte de transcendência e, dessa forma, o mundo destituído da transcendência e dessacralizado é um mundo que pode ser manipulado e calculado pelo ser humano. O capitalismo julga que o mundo precisa ser desencantado para que se transforme apenas em um repositório das necessidades humanas. Nancy considera três problemas da civilização contemporânea que são resultados dessas afirmações antropocêntricas da superioridade humana em relação à natureza: uma dicotomia entre o homem e a natureza; os seres humanos consideram que, por serem superiores, possuem o direito de dominar e explorar tudo; os seres humanos consideram que o mundo deve ser valorizado e preservado somente na medida que possui alguma utilidade. Quanto ao método essa pesquisa será qualitativa e quanto a abordagem será bibliográfica pois enfoca prioritariamente a obra de Nancy Mangabeira Unger: “O encantamento do humano: ecologia e espiritualidade” e a teologia latino americana a partir de textos de Victor Codina. Nancy e Codina fazem com que a fé cristã repense o paradigma da dominação humana sobre a criação. O ser humano que é o “vice-regente de Deus na criação” não é um ser isolado, mas o “humano microcósmico”. Ela alerta para um perigo: a sensação de controle sobre a natureza pode impedir os seres humanos de desenvolverem suas potencialidades, inclusive em relação à espiritualidade.

Palavras-chave: Humanismo; Ecologia; Espiritualidade; Cosmos; Biocentrismo

Introdução

Esta comunicação considera ser possível e importante a convergência do pensamento biocêntrico e a teologia latino americana. As reflexões sobre o biocentrismo seguem a estrutura do pensamento apresentadas por Nancy Mangabeira Unger. Na perspectiva de Unger há uma crise das percepções humanas do mundo e da civilização. Esta é uma crise espiritual que obriga a repensar o ser humano e a sua realidade. Ela considera também que essa crise decorre do fato de que os seres humanos se consideram humanos a partir da sua capacidade de dominar a natureza. As reflexões teológicas se orientam pelas contribuições do pensamento do teólogo jesuíta Victor Codina. Para Codina há

¹ Mestre em Teologia (FAJE); Doutorando em Teologia (FAJE/CAPES). gilmarfate@gmail.com

uma crise em toda teologia ocidental que afeta a compreensão da relação entre Deus, os seres humanos e a natureza.

Considera-se que as interpelações apresentadas por ambos podem subsidiar a estruturação de um humanismo a partir de uma perspectiva biocêntrica, que se oponha ao antropocentrismo ou mesmo androcentrismo. Além disso considera-se fundamental o reconhecimento da importância da dimensão da espiritualidade para condição humana.

1 Uma civilização em crise

O ser humano, principalmente aquele que vive sob a influência do pensamento moderno, desconsidera que está inserido dentro de um cosmos com o qual está integrado e dentro do qual existem níveis de existência superiores a ele. Segundo Nancy, o ser humano é habitante do cosmos e, quando nele está integrado, faz uma experiência do sagrado. Perder essa relação harmoniosa com cosmos provoca certo desequilíbrio entre a materialidade e a espiritualidade. Também faz desaparecer a unidade entre a consciência religiosa e a experiência cósmica, recusa qualquer horizonte de transcendência, enfim, instaura uma crise.

2 Uma crise espiritual

Unger considera que há uma crise de paradigmas de visão de mundo e de civilização. Segundo ela essa é uma crise espiritual que obriga a repensar o ser humano e a sua realidade. Mas esse ato de “repensar” não impõe o surgimento de um outro paradigma que substitua o atual. Não é somente oferecer uma resposta pronta mas reconhecer que é uma busca contínua na qual todos os seres humanos estão implicados e não apenas um grupo de pensadores profissionais (UNGER, 2000, p. 53). É uma crise que alcança todas as dimensões da vida humana e afeta toda sua relação com o mundo.

Dois aspectos, segundo Unger, caracterizam essa crise. Primeiro está no fato de que os seres humanos se consideram “humanos” por causa da sua capacidade de dominar a natureza. O segundo aspecto é que os seres humanos somente reconhecem como “humanos”, aqueles que conseguem controlar todos os níveis e todos os planos da existência. Nesse contexto de “dominação”, por exemplo, conhecimento se relaciona à técnica de manipulação e controle. Conhecer é dominar (UNGER, 2000, p. 55). Os seres humanos, dominadores, vivem a ilusão de total independência do cosmos.

A concepção moderna da relação entre os seres humanos e o cosmos é a de que os seres humanos se dão as suas próprias leis e recusam qualquer nível de dependência às leis que sejam externas. A percepção de mundo nas sociedades antigas gregas e até mesmo na idade média é de que o ser humano está inserido dentro de um cosmos, dentro de um todo (UNGER, 2000, p. 54).

Nesse cosmos há, inclusive, níveis de existência superiores a ele. O ser humano é um habitante do cosmos e é nessa integração que faz uma experiência do sagrado. Para Unger, ao perder essa relação harmoniosa com o cosmos, dois problemas são estabelecidos. Primeiramente perde-se a unidade entre a consciência religiosa e a experiência cósmica e, em segundo lugar, recusa-se qualquer horizonte de transcendência. Uma consequência será a dessacralização do mundo (UNGER, 2000, p. 54).

3 A dessacralização do mundo

Um mundo dessacralizado é um mundo que pode ser manipulado e calculado pelo ser humano, que se torna o centro ontológico do universo. O homem moderno compreende que é livre apenas na medida que consegue dominar e escravizar o mundo. Esse mundo escravizado, em uma perspectiva capitalista, precisa ser desencantado para que se transforme apenas em um repositório das necessidades humanas. O mundo passa a ter sentido na medida que consegue suprir as necessidades materiais dos seres humanos. O lugar onde está instalada uma aldeia, por exemplo, é somente uma propriedade, um rio é simplesmente recurso hídrico, uma cadeia de montanhas é somente um ponto turístico. Tudo isso pode ser convertido em objetos ou em dinheiro.

O próprio ser humano é reduzido à categoria de objeto e mercadoria. Quando isso ocorre, são sufocadas determinadas potencialidades espirituais fazendo predominar apenas a racionalidade linear e instrumental (UNGER, 2000, p. 55). A crise tem consequências materiais e imateriais.

Essa é uma crise ecológica e fundamentalmente ontológica. O Ser é tratado como mera objetividade e a natureza apenas como fonte de lucro e produção. Para reverter essa situação é necessário retomar o paradigma no qual os seres humanos estejam entrelaçados no universo. Não em uma perspectiva utilitarista que provoca o desencanto mundo. Para Unger essa relação deve ser concebida como “uma grande dança cósmica” (UNGER, 2000).

As transformações da sociedade devem considerar que os seres humanos não são apenas instrumentos para produzir determinado fim e nem a natureza deve ser considerada dessa mesma maneira. Não é possível reduzir o outro ser humano apenas para alcançar um fim que seja considerado justo (UNGER, 2000).

O desencanto do mundo é na verdade o desencanto do nosso olhar. Reencantar o mundo é reencantar o nosso olhar sobre ele. Significa deixar de transformá-lo apenas em coisas úteis aos seres humanos (UNGER, 2000, p. 56). Reencantar o mundo é redescobrir universo como hierarquia de forças e intencionalidades. Nesse universo o ser humano deve renunciar condição de tirano do real e perceber-se como canal de expressão da realidade. Não como um controlador ou dominador mas como aquele que celebra e através do qual a realidade pode ser expressada através da arte, do ritual, da sabedoria e da ciência. Reencantar é também redescobrir a dimensão de transcendência dos seres humanos (UNGER, 2000, p. 57).

É preciso superar a ética do controle e da dominação, buscando construir uma ética do diálogo na qual seja resgatado o nosso senso de cordialidade e respeito para com a terra e para com todos os seus habitantes (UNGER, 2000, p. 58).

Os seres humanos são seres de abertura ao transcendente e à possibilidade do sagrado. Mas esse transcendente e sagrado não estão relacionados somente a uma religião instituída. Unger compreende que o termo religião no sentido de religar à força espiritual que tornou possível vivermos no mundo. Religião não significa também renunciar a liberdade entregando-se cegamente ao desejo dos deuses. Não somos livres somente porque fazemos o que queremos e controlamos o mundo. Nossa liberdade está no fato de que podemos viver em harmonia e mesmo de obediência às forças cósmicas e da natureza. Mas, viver em obediência isto é estar disposto a escutar o mundo e os sinais da natureza. O humano livre é aquele capaz de obedecer o cosmos. Nessa obediência, ele se torna capaz de transformar as sociedades (UNGER, 2000, p. 58).

Unger destaca, por exemplo, que o Movimento ecológico procura juntar a dimensão da polis com a dimensão do cosmos. Isto é, um lugar próprio do seres humanos e de sua convivência com a relação com o universo (UNGER, 2000, p.

59). Além disso, reconhecendo as dimensões sociais e espirituais dos seres humanos.

Para integração dos seres humanos com todo cosmos, é fundamental saber integrar toda as dimensões humanas, romper a dicotomia entre os seres humanos e a natureza e resgatar o valor intrínseco da natureza. Esses são alguns dos aspectos do Biocentrismo.

4 Considerações a respeito do biocentrismo

O paradigma da “sustentabilidade” é apresentado como alternativa ao modelo destrutivo de relação entre os seres humanos e a natureza. No geral o termo é utilizado para fazer compreender que as demandas manifestas para atender o modo de vida dos seres humanos neste momento da história e nesta condição de sociedade deve se orientar de tal forma que não prejudique o direito à qualidade de vida das gerações futuras (RODRIGO; CARINA, 2019) .

Mas essa concepção não alterou significativamente a compreensão humana em sua relação com a natureza. A ideia de que podemos usufruir de tudo bastando para isso sermos cuidadosos, também propaga a concepção de que os seres humanos são os únicos protagonistas nessa relação (RODRIGO; CARINA, 2019). Outros paradigmas a serem considerados são a “resiliência” (CRAIG; BENSON, 2013) e o “biocentrismo” (FERREIRA; CRUZ BOMFIM, 2010).

Essa comunicação considera a reflexionar aspectos da tradição cristã a partir da compreensão biocêntrica da relação entre os seres humanos e o mundo. Sinteticamente o biocentrismo compreende que o mundo não está centrado nos seres humanos, mas na vida como um todo. A realidade não é percebida apenas em relação aquilo que pode suprir as demandas humanas, mas é um todo integrado e complexo. São valorizadas todas as formas de relação e de conhecimentos possíveis. Essa integração alcança também a diversidade de formas de pensamentos, relacionamentos e organizações da cultura (VECCHIA, 2011, p. 8).

5 Releitura da tradição cristã

A relação entre os seres humanos e a natureza pode ser considerada a partir de três perspectivas distintas. Existem aqueles que consideram que os seres humanos devem se retirar e deixar a natureza em paz. Outros consideram o seres humanos como ponto mais alto da evolução e, portanto, dominador (UNGER, 2000, p. 60) .

Uma outra perspectiva procura reinterpretar a frase do gênesis na qual o homem é colocado como dominador da natureza. Esse ser humano não deve ser identificado com o sujeito moderno e sua percepção de autonomia. Ele é o “homem microcosmos”, capaz de realizar harmonização de todas as forças cósmicas que atuam nele (UNGER, 2000, p. 61).

Unger destaca três consequências civilização contemporânea resultantes da afirmação antropocêntrica da dominação humana sobre relação à natureza. Primeiramente está o fato de que a aproximação demasiada entre o homem e a divindade provoca uma dicotomia entre o homem e a natureza. Em segundo lugar os seres humanos se consideram no direito de dominar tudo. Em terceiro lugar os seres humanos consideram que o mundo deve ser valorizado somente a medida que é útil para os seres humanos. Somente deve ser conservado aquilo que é útil. Aquilo que não for útil, pode ser destruído.

6 Uma leitura Biocêntrica

Uma postura Biocêntrica, conforme Unger, apresenta três argumentos principais. O primeiro diz respeito a indagar: De que ser humano estamos falando quando afirmamos que seja a imagem de Deus? A resposta seria: Trata-se de um “homem microcósmico”. Para esse homem dominar a natureza equivale a um processo gradual de auto conhecimento e auto disciplina.

A segunda leitura reconhece que a natureza serve e atende aos seres humanos não somente porque pode ser subjugada, mas porque ela é superior e tem o que proporcionar aos seres humanos. Ela é sagrada como mãe que nutre e proporciona a vida.

O terceiro aspecto é que precisamos considerar que a ilusão de que os seres humanos controlam e tem o poder sobre natureza nos impedem de desenvolver nossas potencialidades. Integrar-se com o cosmos exige maior criatividade e o uso de todos os sentidos humanos (UNGER, 2000, p. 84).

O biocentrismo e a teologia latino americana apresentada pelo teólogo Victor Codina possuem pontos de convergência e podem ampliar as ações de integração dos seres humanos e o cosmos.

7 A crise do mundo ocidental e a teologia latino americana

Embora a razão ocidental tenha alcançado notáveis desenvolvimentos nos diversos campos da vida humana, ela entrou em crise. Tornou-se funcional, unidimensional, instrumental, limitou-se ao serviço de um número reduzido de

peças, discriminatória etc. Essa crise afeta diretamente o cristianismo ocidental que lamentavelmente é identificado com essa razão (CODINA, 2014).

As principais consequências dessa crise são o intelectualismo, o dualismo, o domínio do Deus todo-poderoso sobre o Deus amor e a insensibilidade diante do sofrimento humano.

O intelectualismo implica em reconhecer que o cristianismo ocidental tenha enfatizado muito mais os aspectos teóricos e doutrinários, desprezando a mística e a vida. As ideologias superam a importância da prática do seguimento de Jesus. A fé constantemente corre o risco de se converter em algo puramente intelectual, racional e dominador (CODINA, 2014). Alguns seres humanos não são considerados realmente humanos porque não dominam os métodos de construção do conhecimento desse modo de pensamento.

A visão negativa da matéria caracteriza o dualismo (CODINA, 2014). A matéria, o corpo e a sexualidade são consideradas em frontal oposição aos valores espirituais. A história da criação se distingue da história da salvação, o natural se opõe ao sobrenatural. Essa compreensão afeta historicamente o modo de compreender a mulher no plano da humanidade. Em muitas culturas elas são sub-humanas. Como também são sub-humanas quaisquer formas de "humanidade" que se expressam na corporeidade.

A compreensão de Deus apenas a partir da noção de "poder" fortalece a manutenção da espiritualidade do medo da condenação e dos demônios. O corpo sofre com as consequências do desespero de uma consciência permanentemente em crise diante culpa (CODINA, 2014). Deus é o tirano que inspira a tirania, e não o Pai misericordioso e bom que acolhe os pecadores ao redor da mesa da partilha. São sub-humanos aqueles que não dominam complicados mecanismos de penitência e vivem em situação de perdição total.

O Deus todo-poderoso (CODINA, 2014) é distante da história humana é totalmente insensível ao sofrimento humano. Em consequência disso o moralismo supera a miséria. Deus e conseqüentemente a Igreja estão mais preocupados com a honra do que com o sofrimento que desumaniza.

O Deus cristão é o Deus comunidade, que participa da vida humana. Pai, Filho e Espírito participam igualmente da criação e da salvação dos seres humanos e de todo cosmos. O ser humano é um microcosmos que deve ser aberto integralmente ao Espírito de Jesus Cristo (CODINA, 2015, p.23).

8 Antropologia pneumatológica como fundamento para o humanismo cristão

Vários aspectos negativos da teologia ocidental são consequências de um esquecimento da pessoa do Espírito Santo. Mas Codina considera que possam ser superados a partir de uma compreensão antropologias teológicas mais próximas das tradições bíblicas. Nas escrituras, homem e mulher são igualmente a imagem e semelhança de Deus. Esse Deus é o Pai amoroso, que no Filho e no Espírito comunica sua própria vida e busca comunhão (CODINA, 2013).

A antropologia teológica somente pode desenvolver-se coerentemente a partir de uma cristologia que assuma a pneumatologia e que considere a realidade humana. O humanismo cristão não pode prescindir de uma antropologia pneumatológica.

O Espírito cria a vida humana igualmente, homens e mulheres. A experiência da humanidade se faz na alteridade entre os seres humanos e no respeito às diferenças. O Espírito unifica os seres humanos, superando qualquer dualismo entre corporeidade e espiritualidade. Ele nos faz pessoas diferentes, livres, seres de relação com Deus, com os outros seres humanos e com o cosmos. Pelo Espírito somos habilitados a nos solidarizar com o próximo (CODINA, 2013).

Um ponto de confluência explícito com o paradigma biocêntrico é a consideração de que o Espírito nos abre a comunhão com toda criação. A criação dos seres humanos se inscreveria no final de um processo cósmico de milhões de anos. Equivocadamente concluiu-se que o texto bíblico de Gênesis 1,28 estabelece que os seres humanos podem dominar e apoderar-se da terra de forma abusiva e exploradora. A Terra é de Deus e os seres humanos devem habitá-la, guardá-la, cultivá-la, respeitá-la e torná-la habitável. A terra é sacramento de Deus (CODINA, 2013) .

Considerações finais

Unger e Codina concordam que é necessário fazer releitura das escrituras a respeito do papel dos seres humanos na criação. Isto porque o cristianismo ocidental sofre as consequências da predominância de paradigma humanista antropocêntrico e, por vezes, androcêntrico. Para ambos o ser humano deve ser compreendido como um microcosmos: não se limita a materialidade e está integrado ao mundo onde vive.

O biocentrismo e a teologia latino americana podem cooperar para integração dos seres humanos entre si e entre todo cosmos. a sensação de controle sobre a natureza pode impedir os seres humanos de desenvolverem suas potencialidades, inclusive em relação à espiritualidade.

Referências bibliográficas

CODINA, V. Antropología pneumática. Selecciones de teología, v. 52, n. 206, p. 89–100, 2013.

CODINA, V. Claves para una Hermenéutica de los Ejercicios. Apuntes Ignacianos, v. 48, n. 1976, p. 5–37, 2015.

CODINA, V. Desocidentalizar O Cristianismo. Perspectiva Teológica, v. 40, n. 110, p. 9, 2014.

CRAIG, R.; BENSON, M. Replacing Sustainability. Akron Law Review, v. 46, n. 4, p. 41, 2013.

FERREIRA, F.; CRUZ BOMFIM, Z. Sustentabilidade ambiental: visao antropocêntrica ou biocêntrica? AmbientalMente sustentable: Revista científica galego-lusófona de educación ambiental, v. I, n. 9, p. 37–51, 2010.

RODRIGO, M.; CARINA, M. PASSAGEM DO ANTROPOCENTRISMO PARA O BIOCENTRISMO: uma nova visão de sustentabilidade . Disponível em: <<http://200.19.0.178/index.php/trabalhos/article/view/8223/1994>>. Acesso em: 27 nov. 2019.

UNGER, N. M. O Encantamento do Humano Ecologia e Espiritualidade. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2000.

VECCHIA, A. M. D. Pensamento Biocêntrico. Pensamento Biocêntrico, v. 16, 2011.